

# Pesquisa da UFBA aponta crescimento da misoginia na internet por meio de memes, montagens e conteúdo humorístico



A misoginia na internet tem assumido novas formas de disseminação, utilizando principalmente memes, montagens e conteúdos apresentados como humorísticos para propagar discursos de ódio contra as mulheres. É o que revela um levantamento realizado pelo Laboratório de Humanidades Digitais da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que analisou 47.018 imagens compartilhadas em grupos e canais do Telegram entre novembro de 2020 e maio de 2026.

De acordo com a pesquisa, mais de 90% das imagens classificadas como misóginas não continham conteúdo sexual explícito, demonstrando que a violência de gênero no ambiente digital tem migrado para formatos aparentemente inofensivos, mas carregados de estereótipos, discriminação e incentivo à hostilidade contra as mulheres.

Ao todo, os pesquisadores identificaram 2.896 imagens com conteúdo misógino, o equivalente a 6,2% do material analisado. A misoginia foi a categoria de risco mais recorrente no estudo, superando conteúdos relacionados à violência (3%), nudez (2,1%) e material sexualmente explícito (1,2%).

Segundo o levantamento, cerca de 65,2% das imagens classificadas como misóginas apresentavam intensidade considerada alta ou extrema.

## **Humor como estratégia de disseminação**

O coordenador do Laboratório de Humanidades Digitais da UFBA, o cientista social computacional Leonardo Nascimento, afirma que os grupos utilizam o humor como mecanismo para ampliar o alcance das mensagens e minimizar a percepção de violência.

"Eles procuram mascarar a violência como brincadeira. É uma estratégia extremamente recorrente em grupos radicalizados."

O pesquisador destaca que o conteúdo vai além da pornografia e revela uma postura de hostilidade sistemática em relação às mulheres.

"Existe uma relação de profundo desprezo pelo feminino e pela própria mulher. Muitos desses memes são extremamente cruéis e até a sexualidade feminina é tratada de forma negativa."

As imagens analisadas trazem ofensas direcionadas às mulheres, além da utilização de termos recorrentes em comunidades conhecidas como "machosfera". O conteúdo também ridiculariza o feminismo, questiona legislações de proteção às mulheres, como a Lei Maria da Penha, defende a

exclusão feminina de espaços de poder e, em alguns casos, incentiva a violência física.

### **Telegram funciona como centro de distribuição**

O estudo analisou conteúdos publicados em 1.417 grupos e canais do Telegram, reunindo um universo aproximado de 3,9 milhões de mensagens.

Segundo os pesquisadores, a plataforma atua como um importante centro de distribuição para outras redes sociais. Entre os links compartilhados nesses grupos, 44% direcionavam para o YouTube, 18% para outros grupos do Telegram, 16% para o Instagram e 14% para o X (antigo Twitter).

A pesquisa aponta que o YouTube concentra vídeos de influenciadores ligados à chamada machosfera e conteúdos antifeministas, enquanto o Instagram é utilizado para ampliar o alcance dessas narrativas por meio de vídeos curtos.

### **Inteligência artificial e exposição de mulheres reais preocupam pesquisadores**

Outro aspecto identificado foi o crescimento da utilização de imagens produzidas por inteligência artificial e da divulgação de fotografias de mulheres reais sem autorização.

Segundo Leonardo Nascimento, ex-companheiros, conhecidos ou outras pessoas capturam imagens publicadas nas redes sociais e as compartilham em grupos privados com o objetivo de ridicularizar e humilhar essas mulheres.

"Muitas vezes essas mulheres sequer sabem que suas imagens estão circulando nesses espaços. Esse tipo de conteúdo tem preocupado bastante."

### **Crescimento acelerado**

Os pesquisadores observaram um aumento significativo da circulação desse tipo de material nos últimos anos. Quase metade das imagens analisadas foi publicada em 2025, enquanto 23,5% correspondem apenas ao primeiro semestre de 2026. Isso significa que 70,5% de todo o conteúdo identificado foi compartilhado nos dois anos mais recentes.

Embora o levantamento indique essa aceleração, os pesquisadores afirmam que ainda não é possível estabelecer uma relação direta com o processo eleitoral, apesar de estudos anteriores demonstrarem que períodos de eleição costumam registrar crescimento na circulação de discursos de ódio e conteúdos radicalizados.

### **Especialistas alertam para a normalização da violência**

Para a jurista Alice Bianchini, presidente da Associação Brasileira de Mulheres de Carreiras Jurídicas (ABMCJ) e integrante do Consórcio Lei Maria da Penha, a misoginia passou a utilizar linguagens mais sofisticadas, tornando mais difícil sua identificação pelas plataformas digitais.

Segundo ela, o fato de o conteúdo ser apresentado como humor não elimina sua gravidade.

"Quando uma publicação desumaniza mulheres, reforça estereótipos discriminatórios ou estimula hostilidade e violência contra elas, deixa de ser uma simples piada e passa a integrar um discurso de ódio."

A especialista alerta ainda que a exposição contínua de crianças, adolescentes e jovens a esse tipo de conteúdo contribui para a naturalização da violência de gênero.

"Toda violência contra as mulheres começa pela negação de sua humanidade. A misoginia é justamente o discurso que torna essa negação socialmente aceitável."

Foto: Divulgação

*<http://jornalpanfletus.com.br/noticia/8504/pesquisa-da-ufba-aponta-crescimento-da-misoginia-na-internet-por-meio-de-memes-montagens-e-conteudo-humoristico> em 09/07/2026 17:45*